

O suicídio da agricultura brasileira

 opendemocracy.net/pt/suicidio-agricultura-brasileira

ivan Brehaut



Quase 8% do território brasileiro, mais de 8,5 milhões de km², é dedicado à agricultura

|
Ricardo Funari/Brazil Photos/LightRocket via Getty Images

O desenvolvimento do poderoso setor agrícola do Brasil transformou o gigante sul-americano de importador de alimentos a uma das potências exportadoras mundiais de grãos, frutas e carne. Um indicador inequívoco deste poder é o valor das exportações, que ultrapassa os US\$ 140 mil milhões anuais.

No entanto, a transformação não veio de graça. O desmatamento em massa teve um custo significativo para o ecossistema, alimentando a crise climática que traz secas catastróficas, inundações sem precedentes e incêndios, aos quais agora se soma o ciclo do El Niño. As perspectivas para o setor nos próximos anos são preocupantes.

O gigantesco boom do agronegócio

A história desta revolução produtiva começou há quase 50 anos e gerou profundas transformações sociais e económicas, como o boom económico em algumas zonas rurais e a criação de novos empregos ligados ao setor.

O impacto económico das atividades agrícolas é decisivo. O Brasil é líder mundial na produção e exportação de café, cana-de-açúcar, soja, laranja, entre outros produtos. O setor agropecuário representa aproximadamente 7% do valor adicionado anual ao PIB do Brasil, com níveis de crescimento constantes. O investimento, a enormidade do território do país e o apoio político se uniram para gerar essa importante conquista da economia brasileira.

Quase 8% do seu território, mais de 8,5 milhões de km², é dedicado à agricultura, o que o torna um grande produtor de grãos, como cereais, leguminosas e oleaginosas. Em 2021, a produção agrícola nacional contribuiu com mais de R\$ 743 bilhões (cerca de US\$ 147,3 bilhões) para a economia brasileira.

A produção de soja lidera a agricultura no Brasil, contribuindo com quase metade do valor total da produção agrícola no país

A produção de soja lidera a agricultura no Brasil, respondendo por quase metade do valor total da produção agrícola no país. A cultura tem apresentado crescimento constante, levando o Brasil a se tornar o maior produtor mundial de soja, superando os Estados Unidos. Em 2022, o Brasil produziu 152 milhões de toneladas métricas de soja, deixando para trás os Estados Unidos com suas 118.2 milhões toneladas métricas, ambos bem acima da Argentina, o terceiro maior país produtor de soja com 49,5 milhões de toneladas métricas.

Além da soja, o milho e a cana-de-açúcar são culturas que contribuem com aproximadamente 16% e 10% do valor total da produção agrícola brasileira, respectivamente. O milho e a cana-de-açúcar têm uma importância económica agregada por serem usadas também para a produção de biocombustíveis.

Além disso, a cana-de-açúcar é a principal matéria-prima na produção de álcool etílico, ou seja, o etanol combustível, o que a torna uma cultura estratégica para as exportações agrícolas do Brasil. O país é reconhecido internacionalmente pelo crescimento contínuo da sua indústria de biocombustíveis desde a década de 2000.

O setor pecuário também desempenha um papel crucial na agricultura brasileira. Em termos de valor de exportação, a carne fica atrás apenas da soja, representando 20% do valor total da agricultura brasileira. Embora tenha havido uma aparente diminuição no número de bovinos abatidos no Brasil nos últimos anos, a suinocultura tem apresentado um aumento constante, ultrapassando 56 milhões de cabeças em 2022. No entanto, o segmento mais significativo da pecuária para consumo em massa é a produção avícola, com projeção de abate de mais de 6 bilhões de frangos de corte em 2022.

De acordo com o Banco Mundial, os principais produtos exportados pelo Brasil em 2021 foram

Produtos	Valor de exportação (em milhões de US\$)
1 - Minério de ferro e seus derivados	40,715,560.47
2 - Soja (grão)	38,638,730.74
3 - Petróleo e materiais betuminosos	30,608,981.81
4 - Açúcar bruto	7,956,544.46
5 - Resíduos de processamento de soja	7,342,744.71

Como mostram os números, o valor das exportações ligadas ao setor agrícola é vital para a economia do Brasil. No entanto, a bonança agrícola pode estar com seus dias contados. O desmatamento em massa do gigante sul-americano está acelerando os efeitos da mudança climática no continente, privando a agricultura de um de seus insumos vitais: a água.

Os rios voadores estão secando

De acordo com a pesquisa de [Luciana Gatti](#) e sua equipe do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), o modelo agrícola brasileiro pode estar caminhando para o colapso. O desmatamento no Brasil, que registrou um aumento dramático e desanimador durante o governo de Jair Bolsonaro, foi além de permitir um enorme crescimento nas áreas dedicadas à mineração e à agricultura. O desmatamento desenfreado também alterou significativamente os fluxos de umidade do país, o que faria com que as previsões de chuvas nas principais áreas agrícolas do Brasil apresentassem mudanças intensas.

Conforme relatam diversos estudos anteriores e os recentemente desenvolvidos pelo INPE, o desmatamento está acelerando os efeitos das mudanças climáticas no Brasil, reduzindo a capacidade das florestas de absorver carbono e contribuindo para o aumento da temperatura e a ocorrência de eventos climáticos extremos. Um estudo recente do projeto [MapBiomias](#) mostra que, apesar de todos os países amazônicos terem mantido uma superfície de água de 26,2 milhões de hectares em 2022, perderam um milhão de hectares entre 2000 e 2022. Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Suriname e Venezuela tiveram nove anos consecutivos de redução na área de seus corpos d'água.

"Com o que aprendemos no leste da Amazônia, o desmatamento leva a uma mudança nas condições climáticas, o que gera estresse para a floresta que deixa de funcionar como vinha fazendo", explica Luciana Gatti. "Hoje, uma parte importante da Amazônia que era saudável

não é mais saudável por causa das ações humanas. Isso mostra como o projeto de usar as terras amazônicas para aumentar a área agrícola é prejudicial para a própria continuidade da floresta tropical", pontua.

Os rios voadores secam com o desmatamento, uma vez que as árvores não liberam a umidade que armazenam no ar, reduzindo as chuvas

De fato, de acordo com estudos do INPE, em 2019 e 2020, durante o governo Bolsonaro, a área dedicada à agricultura cresceu quase 70%. Isso porque seu governo efetivamente cancelaram os controles estatais e a proteção de terras de florestas públicas, incluindo áreas protegidas. Nesse período, as emissões de gases de efeito estufa aumentaram em mais de 120% e o desmatamento em mais de 60%.

O mecanismo de desmatamento na Amazônia brasileira é semelhante ao de outros países da região, ocorrendo por meio de grandes incursões de grileiros — que são o primeiro elo da cadeia que leva à conversão de florestas em pastagens. Essas pastagens são, em última análise, menos lucrativas do que as plantações de soja, o que significa que, no final da cadeia, as florestas se tornam plantações de soja.



Tempestade passa por monoculturas de milho no estado de Mato Grosso, em maio de 2022

|
Francesc Badia i Dalmases

A cada aumento de 10% no desmatamento, a quantidade de chuvas anuais diminui em aproximadamente 49,2 mm por ano, como mostra o estudo de por Argemiro Teixeira Leite Filho publicado em 2021 na revista Nature. Os rios voadores secam com o desmatamento, uma vez que as árvores não liberam a umidade que armazenam no ar, reduzindo as chuvas nas áreas agrícolas.

Suicídio agrícola

O fenômeno que já está afetando a agricultura do Brasil é muito simples. Sem chuvas ou com períodos de chuvas muito mais intensas, fora dos regimes regulares de chuvas, plantas como a soja, o milho ou a cana-de-açúcar não prosperam. Com a escassez de chuvas, as plantas não se desenvolvem e sua produção cai significativamente, afetando a renda dos agronegócios; com umidade acima do normal, o risco de pragas e doenças, como a ferrugem da soja, é muito maior. Prevenir ou lidar com elas também reduz substancialmente os lucros.

De acordo com Gabriel Quijandría, vice-presidente da IUCN para a América do Sul, as evidências científicas são cada vez mais convincentes de que a alteração dos padrões de chuva na Amazônia está ligada à mudança climática global e ao desmatamento impulsionado pela colonização para fins agrícolas. "É impossível pensar em desenvolvimento sustentável para a América do Sul se não estabelecermos uma estratégia que preserve os processos ecológicos fundamentais da região", afirma.

Até 2019, um quarto do sul da Amazônia brasileira — nos estados do Acre, Amazonas, Rondônia, Pará, Tocantins e Mato Grosso do Sul — já havia atingido o limite crítico de redução de chuvas devido à perda de florestas. Em algumas regiões, a redução das chuvas devido ao desmatamento já comprometeu 48% do volume total anual de chuvas. Considerando que a grande maioria das terras agrícolas do Brasil depende das chuvas, as consequências da interrupção das chuvas são uma ameaça real à economia brasileira.

A solução está nas cidades?

Uma das teses desenvolvidas pelos especialistas do Banco Mundial defende que a solução para reduzir a pressão sobre a Amazônia está em aumentar a produtividade e competitividade das cidades. De fato, o [documento](#) publicado em novembro de 2022 sugere que "o fraco crescimento da produtividade nos setores urbanos do Brasil, especialmente na indústria e em determinados serviços, prejudica o progresso econômico e acelera o desmatamento".

Os autores, Marek Hanusch e Joaquim de Souza, [explicam](#) o fenômeno:

"Embora seja uma simplificação, isso é sustentado por dados básicos: nos períodos em que a produtividade total dos fatores cresceu no Brasil, a cobertura florestal na Amazônia Legal também aumentou (nesse gráfico, um aumento da produtividade de 1% reduz o desmatamento em 9%). O fim do último superciclo de preços de commodities prejudicou ainda mais a produtividade — e o desmatamento voltou a aumentar. O crescente desmatamento não apenas coincide com o afrouxamento da aplicação das leis de proteção florestal, mas também é impulsionado por fatores econômicos. Na verdade, os dois aspectos podem se reforçar mutuamente: à medida que crescem os retornos econômicos do desmatamento, é provável que aumente o lobby por menos rigidez nos controles e na aplicação da legislação florestal."

O caso do Brasil é um exemplo eloquente de como os setores econômicos estão interligados e de como a deterioração das condições econômicas de um país pode, em última instância, levar à destruição de suas florestas e de todo o seu ecossistema.